"O IGE foi um prêmio para minha carreira e vida pessoal. Fiz novos amigos, aprendi com diferentes culturas. Aprendi o valor de guerer bem a qualquer ser humano, sem importar a cor, a raça, a religião."

primeiro suplente. "Não se preocupe. Ano que vem o destino é o Canadá e os EUA". O conselho do coordenador da Subcomissão do IGE no distrito. José Carlos Volcato, ofereceu esperança, o que sempre é bem-vindo.

PREPARATIVOS

Durante um ano, esqueci da seleção. Trabalhava na reportagem da rádio BandNews FM, pensava em meu projeto de pesquisa para o mestrado, morava em meu próprio apartamento, quando o próprio Volcato me lembrou do IGE a três dias do fim do prazo de inscrição! Às pressas, conversei com Nielsen, que indicou meu nome ao Rotary Club de Porto Alegre-Independência (o Bom Fim havia selecionado um candidato). O então presidente do clube, Celino Bastos, aceitou-me de pronto em um gesto nobre e inesquecível. Participei da seleção em setembro e daquela vez fui selecionado.

O intercâmbio profissional seria para o distrito binacional 6330 – parte o Estado de Michigan (EUA) e parte o Estado de Ontário (Canadá). Um time de alto nível foi selecionado: a líder do IGE, a médica, pesquisadora e rotariana Maria Alice Dode; a professora

de inglês Márcia Klee, de Pelotas (RS); a analista de comércio exterior Débora Marques, de Santa Cruz do Sul (RS); o engenheiro militar e professor Adriano de Paula Bandeira; e eu, de Porto Alegre (RS). Pessoas com diferentes características e habilidades, cada um na singularidade do ser, com suas próprias crenças e visões de mundo. Tudo isso contou a favor do grupo durante o intercâmbio.

Em seis meses, foram oito encontros preparatórios em que acertamos diversos detalhes quanto à viagem. Ao mesmo tempo, um grupo formado por americanos e canadenses também era selecionado para visitar o distrito 4680 no mesmo período em que estaríamos no exterior. Nós, brasileiros, vivíamos em diferentes cidades gaúchas, distantes pelo menos duas horas de carro uma das outras, de modo que os encontros eram no final de semana.

Nesse tempo, o que mais me impressionou foi o quanto aprendi sobre o Brasil. Precisamos pesquisar muito sobre o nosso país para contar melhor nossa história. Na preparação, o único lamento foi a impossibilidade do Adriano. A menos de duas semanas do intercâmbio, ele foi requisitado para uma missão militar internacional. Adriano foi uma lição de solidariedade e companheirismo para todo o grupo.

VALORES UNIVERSAIS

O IGE, realizado entre maio e junho deste ano, foi um prêmio para minha carreira e vida pessoal. Fiz novos amigos, aprendi com diferentes culturas,

descobri métodos diferentes de fazer iornalismo, noticiei fatos do exterior para o Brasil em um ensaio como correspondente internacional e compartilhei histórias. Aprendi o valor de querer bem a qualquer ser humano, sem importar a cor, a raça, a religião, os objetivos, os planos. Fazemos parte de um mesmo planeta, sendo o Rotary uma prova dessa integração global ao mover ações locais que repercutem para o mundo todo.

Passado um mês do meu regresso (ainda viajei por 20 dias entre o Canadá e a França), vejo que a principal resposta que obtive na viagem veio em forma de pergunta. Um questionamento antigo, que surgiu lá na Ilha da Pintada, em 2007:

"Como uma instituição internacional desse porte, com metas arrojadas como a erradicação da paralisia infantil no mundo ou o analfabetismo no Brasil, tinha uma atuação, por vezes, silenciosa?".

Com a palavra o então governador do distrito 7070, Michael T. Phelan, canadense que eu conhecera por algumas horas e que me oferecera voluntariamente, ao final do IGE, uma carona para Toronto, no Cana-

> dá, para iniciar minha viagem solitária após a Conferência Distrital do 6330, que aconteceu em Mildmay entre os dias de junho: "Para que se preocupar com isso, quando sabemos que ajudamos a mudar o mundo pra melhor?".



* O autor é jornalista e foi membro do grupo de IGE 2008-09 no distrito 4680.